



A magia da mídia e o mito de Macondo

João Batista de Abreu*

A fascinação do modelo estrangeiro (...) entra em algum grau na formação de qualquer sociedade, mas, para ser útil e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo próprio e ancestral. Não é possível que, tomando hoje uma aparência, amanhã outra, depois aquela outra, haja quem deseje que sejamos afinal o brutamente americano.¹

Lima Barreto

¹ Lima Barreto, "O nosso ianquismo". Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, 22/3/1919



Palavras-chaves: América Latina, hegemonia, dependência

A contrariedade exposta pelo escritor carioca Lima Barreto com a absorção por vezes excessiva de modelos importados situa-se na contramão do comportamento da elite brasileira no limiar do século XX. Esta “abertura dos portos” à mentalidade estrangeira também costumava gerar depoimentos controvertidos de autoridades brasileiras e comportamentos curiosos da grande mídia latino-americana. A idéia de uma raça pura e de uma superioridade anglo-saxônica permeia o pensamento latino-americano mais de 100 anos depois, em pleno limiar do século XXI, quando o mito da globalização contagia corações e mentes.

Este trabalho pretende examinar aspectos do mito da inferioridade das populações latino-americanas e seus efeitos na sociedade pós-guerra. Os conceitos utilizados são os de ideologia, em Marx, e hegemonia, bloco histórico, Estado ampliado e consenso (passivo e ativo), de Antonio Gramsci, um dos primeiros pensadores marxistas – senão o primeiro – a analisar criticamente a imprensa, em vez de vê-la somente como instrumento tático para arregimentar seguidores. Sem arriscar conclusões apressadas, pretende-se apontar algumas premissas interessantes para entender o papel que os meios de comunicação desempenham na América Latina.

Pensar a interseção entre História e mídia costuma embutir um risco, seja por enxergar a imprensa como mero instrumento da classe dominante, seja por ignorar conjunturas históricas que determinam o comportamento dos meios de comunicação. É preciso entender a conduta das elites políticas e intelectuais, que sempre dominaram os canais de persuasão no continente, e ver como estas elites se apresentam aos olhos da sociedade.

Um dos desafios é penetrar no espelho de relações sociais para compreender como os povos destes países dominados se percebem e percebem as elites, internas e estrangeiras. A relação que se estabelece entre dominado e dominador impõe como pré-condição que o primeiro assuma os valores do segundo. Do contrário a dominação estará sempre sujeita a questionamentos.

Na linha do conceito de ideologia dominante desenvolvido por Marx, o sardo Antônio Gramsci – um dos fundadores do Partido Comunista Italiano – frisa que a hegemonia de um segmento social aumenta sua eficácia quando a classe dominada assume os valores da classe dominante. Este processo deve contar com a ajuda estratégica dos jornais e associações de classe, principalmente nos períodos de crise institucional, em que as camadas subordinadas não se sentem representadas pelas autoridades.

Gramsci desenvolve o conceito de consenso, para estudar o comportamento das camadas dominadas que assimilam os padrões culturais da classe hegemônica. O Estado ampliado é entendido como o conjunto de instituições, públicas e privadas, que contribuem para a manutenção ideológica do Estado restrito. Sem o



Estado ampliado, o poder torna-se mais vulnerável a contestações da sociedade, na medida em que se expõe a críticas ao sistema. No pós-guerra, assistimos a um crescimento vertiginoso de instituições, patrocinadas ou apoiadas por Estados hegemônicos, com o intuito de formar uma mentalidade que justificasse um processo de dominação em marcha.

O exercício 'normal' da hegemonia, no terreno clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram variadamente, sem que a força suplante muito o consenso, ou melhor, procurando obter que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações – os quais, por isso, em determinadas situações, são artificialmente multiplicados. (GRAMSCI, 1980, P. 116)

O vínculo entre Estado e sociedade exige a formulação de uma nova concepção de mundo, portanto de uma ideologia, que atraia as expectativas e sonhos dos indivíduos. Gramsci mostra que esta identificação reveste-se de um aparente dualismo, em que uma concepção determinista da História, de acordo com o senso comum, leva o cidadão a pensar que “acima dos indivíduos existe uma entidade fantasmagórica, a abstração do organismo coletivo, uma espécie de divindade autônoma que não pensa como nenhuma cabeça concreta, mas pensa”.

Toda forma do chamado 'centralismo orgânico' se baseia no pressuposto (...) de que a relação entre governantes e governados seja determinada pelo fato de que os governantes representam os interesses dos governados e, portanto, 'devem' ter o consentimento destes, isto é, deve-se verificar a identificação do indivíduo com o todo, e o todo (seja que organismo for) é representado pelos dirigentes. Deve-se pensar que, como para a Igreja Católica, tal conceito não só é útil, mas necessário e indispensável. Qualquer forma de intervenção a partir de baixo desagregaria de fato a Igreja (é o que se vê nas igrejas protestantes). Para outros organismos é questão vital não o consenso passivo e indireto, mas o consenso ativo e direto, ou seja, a participação dos indivíduos, ainda que isso provoque uma aparência de desagregação e de tumulto. Uma consciência coletiva, ou seja, um organismo vivo só se forma depois que a multiplicidade se unifica através do atrito dos indivíduos: e não se pode dizer que o 'silêncio' não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia cada instrumento por sua conta dá a impressão da mais horrível cacofonia; porém estes ensaios são a condição para que a orquestra viva como só um 'instrumento'. (GRAMSCI, 1980, p. 333)

Os tipos de consenso (ativo ou passivo) dependem do grau de envolvimento que a chamada consciência coletiva exerce na comunidade. A metáfora a que o



pensador italiano recorre pressupõe um longo período de acordes dissonantes ou perturbadores, o que não costuma ser tolerado por Estados autoritários. Neste ensaio de rebeldia, as cacofonias são vistas como ameaça à estabilidade política. Daí o predomínio do consenso passivo na maioria dos Estados liberais.

O conceito de bloco histórico parte do estudo das relações entre estrutura e superestrutura numa determinada sociedade. Quem estabelece este vínculo orgânico seriam os intelectuais, no nível da superestrutura (no qual se enquadram os meios de comunicação). Ao analisar este conceito-chave do pensamento de Gramsci, Hugues Portelli observa que uma crise orgânica na sociedade só altera o sistema hegemônico se as classes dominadas tiverem alcançado um nível de organização capaz de gerar um novo ideário político.

Tal problema é difícil de resolver: por um lado, uma classe só é realmente hegemônica quando consegue apoderar-se do Estado – sociedade civil + sociedade política – e, por outro lado, as classes subordinadas, por sua própria situação no seio do bloco histórico, só têm reduzidas possibilidades de organizar-se; na maioria dos casos são elas excluídas da vida política real por falta de intelectuais orgânicos. Seus representantes são realmente os intelectuais orgânicos subalternos da classe dominante e sua organização autônoma nem sempre ultrapassa o nível econômico-corporativo. (PORTELLI, 1977, p. 114-115)

Vale lembrar que Gramsci passou 11 anos preso durante o fascismo (1926-1937) e não teve condições de analisar o papel desempenhado pelo rádio nos anos 30. Mas quando morreu, em 1937, os dois lados em luta na Guerra Civil espanhola – cenário que serviu como ensaio geral da Segunda Guerra Mundial – utilizavam largamente as ondas sonoras como espaço para propagação de idéias e arregimentação de voluntários.²

1.2 Universo imaginário

Qualquer estudo sobre o que convencionamos chamar de cultura latino-americana corre o risco de se transformar numa autêntica Torre de Babel, tantas são as diferenças de ordem histórica e política entre as nações que constituem este pedaço do mundo. Com esta advertência, o chileno José Joaquín Brunner alerta para a dificuldade de se pensar o continente como bloco unívoco – à semelhança do que faz muitas vezes a elite econômica e intelectual dos Estados Unidos – sem levar em conta a multiplicidade presente desde a península de Yucatán às terras geladas da Patagônia.

Brunner propõe que se pense este universo cultural de forma fragmentária, como uma espécie de colagem em constante processo de transformação, numa “contínua dança de signos”. As culturas da América Latina “não expressam uma ordem

² As observações de Portelli sobre os intelectuais orgânicos nos levam a entender por que as classes dominantes sentem-se tão ameaçadas nos dias de hoje pelas rádios comunitárias, principalmente aquelas operadas por integrantes de comunidades carentes.



nem de nação, de classe, nem religiosa, estatal, carismática, tradicional ou de nenhum outro tipo; refletem em sua organização os processos contraditórios e heterogêneos de uma modernidade tardia”.³

O antropólogo chileno indaga se podemos chamar as sociedades latino-americanas de modernas. Para responder, ele recorre ao mito de Macondo, cidade imaginária fundada por Gabriel Garcia Márquez no romance *Cem anos de solidão*. Macondo seria a alternativa do personagem José Arcádio Buendia, diante da impossibilidade de alcançar o mar, na interminável travessia da montanha. Macondo representa, dialeticamente, o sonho inatingível e o marco concreto de uma nova civilização. *“Al día siguiente convenció a sus hombres de que nunca encontrarían el mar. Les ordenó derribar los árboles para hacer un claro junto al río, en el lugar más fresco de la orilla, y allí fundaron la aldea”*.⁴

O mito do “macondismo” mantém o predomínio da natureza sobre a cultura, porém com mais complexidade. Ao contrário da concepção rousseuniana, a natureza acompanha e transforma a cultura. Macondo representaria a metáfora do misterioso, a terra prometida, o mágico que os europeus tanto apreciam, desde quando desembarcaram pela primeira vez nas praias do Atlântico ocidental.

O ‘macondismo é nostálgico sem ser conservador, é defensivo frente ao que vem, mas apenas à maneira de quem espera ver o resultado antes de assumir um compromisso formal. O conceito do ‘macondismo’ estendeu-se entre um setor da intelectualidade latino-americana, aquele que não quer renunciar a transformar a América numa terra prometida. Terra de sonhos e utopias, novo mundo de onde surgirá uma ‘racionalidade alternativa’ para o Ocidente, despojada do caráter instrumental, calvinista e faustiano da racionalidade chefe da modernidade. Ou seja, lê-se a cultura latino-americana através de Macondo como um amálgama de contradições, anomalias, de fusões entre o velho e o novo. Macondo quer dizer: ‘não poderão nos entender (aos latino-americanos) facilmente.’ A quem se dirige esta advertência? Basicamente aqueles que formam parte de nosso século e manejam um código competitivo de interpreta”ção; e a certos estrangeiros: acadêmicos, intelectuais, leitores informados, políticos, burocratas internacionais e agentes de cooperação.⁵

O personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, bem poderia morar em Macondo. Ele representa a tentativa de fundação de uma nova ética; a do dominado que tem de buscar formas próprias de sobrevivência fora dos padrões trazidos pelos europeus. Pasárgada, fundada na inspiração do poeta Manuel Bandeira, também pode ser entendida como exemplo de terra prometida. O sonho não é monopólio do

³ BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la cultura latinoamericana, in *Entre públicos y ciudadanos*, Comunicación y Cultura Política

⁴ GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*, Biblioteca de Literatura Colombiana, Bogotá, Editorial Oveja Negra, 1967, pag 25

⁵ BRUNNER, José Joaquín. Tradicionalismo y modernidad en la cultura latinoamericana, in *Entre públicos y ciudadanos*, Revista Comunicación y Cultura Política, pag 52



realismo fantástico, nem da literatura latino-americana, mas me arrisco a pensar que o desejo de sonhar é inversamente proporcional à possibilidade de realização do sonho.

É interessante a coincidência entre os dois mitos: o da nostalgia de Macondo e a figura do Mazombo, o filho de portugueses nascido no Brasil, que “sofria de uma eterna saudade daquilo que nunca havia sido, isto é, um urbanista dos grandes centros culturais da Europa”. (TOTA, 2000, P. 17) Na síntese de Eça de Queiroz, para os mazombos brasileiros haveria “mais civilização num beco de Paris do que em toda vasta Nova York”.

De acordo com o historiador norte-americano Richard Morse, o conceito de América Latina nasce no século XIX, com a França de Napoleão III. A expressão se insere no discurso ideológico que norteia a estratégia política de utilizar a origem lingüística e cultural dos povos latinos para se opor à influência anglo-saxônica, germânica e eslava.

O termo América Latina é exógeno. Surge de fora para dentro, como a maioria das classificações. Não é consequência do esforço de jovens nações em busca de um caminho próprio de desenvolvimento, sentido que só se afirmará um século depois, no pós-guerra. No século XIX, o governo francês, em busca da hegemonia no cenário ocidental, e dentro do contexto eurocêntrico, cunha um termo não para acentuar a unidade das antigas colônias da América, mas para marcar a diferença com o colonizador anglo-saxão. “Mesmo que o termo ‘América Latina’ tenha perdido suas conotações eurocêntricas neoneapolitanas, adquiriu novos acentos instrumentais como designação de uma zona estratégica do mundo que inclui povos não ibéricos do Caribe”. (MORSE, 1988, p. 14)

Richard Morse propõe o termo Ibero-América para afastar “as categorias ultrapassadas do bonapartismo, como também as prescrições geopolíticas que os governos do Primeiro e do Segundo Mundos impõem a seus respectivos quadros acadêmicos e à própria região”. O historiador destaca a dicotomia liberalismo e democracia para explicar as diferenças entre o pensamento anglo-americano e o ibero-americano. No caso, a preocupação excessiva em alcançar o progresso material teria se sobrepujado à formulação de questões teóricas.

Na Ibero-América o liberalismo e a democracia não interagiram diretamente, sendo assimilados de forma independente, e em verdade intermitente, a uma cultura política que ambos podiam afetar, mas nenhum podia suplantar. Se na Anglo-América a coexistência de ambos levou adiante a antiga dialética de liberdade-ordem, na Ibero-América eles foram integrados à dialética ainda mais antiga entre cálculo do poder e bem comum, entre política como arte ou ciência e o Estado como incorporativo ou tutelar. Por dois séculos o liberalismo serviu ao primeiro termo desse binômio de maneira exemplar, justificando a investidura de novas elites, legitimando fórmulas republicanas para a época moderna e propondo estratégias para integrar economias de exportação ao mercado mundial e, em seguida, internalizar o processo de ‘desenvolvimento’. (MORSE, 1988, p. 89)



Ao transpor o Oceano Atlântico rumo ao sul, as idéias do liberalismo europeu do século XIX foram apropriadas indiscriminadamente tanto por partidos conservadores quanto liberais, ambos pertencentes à elite econômica e intelectual. Morse cita a revolta dos *comuneros* em Nova Granada, em 1781, e a Conspiração dos Alfaiates (ou Conjuração Baiana), em 1798, em Salvador, como tentativas populares fracassadas de rompimento com as novas elites em gestação.⁶

Para Morse, as variadas roupagens que vestem a democracia na Ibero-América através dos tempos, geralmente despidas de formulações ideológicas coerentes com o movimento que despertara, dificultaram a consolidação do regime democrático no continente, ajudando o estabelecimento de Estados liberais.

A versão ibérica da democracia retira elementos da teoria regicida dos escolásticos jesuítas, do Governo dos governantes de Tomás de Aquino e da antiqüíssima tradição católica de resposta à torpeza governamental ou eclesiástica na forma de movimentos sectários pelo igualitarismo ou de tumultos populares menos disciplinados... O movimento de tipo sectário com seus veneráveis antecedentes medievais, tal como foi caracterizado por Weber e Troeltsch, persiste na cultura política ibero-americana de nosso tempo: sua forma mais visível são as comunidades eclesiais de base e os grupos de culto não católico, com suas dezenas de milhões de adeptos, mas também encontra expressões sociologicamente análogas, se bem que mais efêmeras e táticas, nos movimentos guerrilheiros e hodiernas invasões de terrenos urbanos. (MORSE, 1988, p. 92)

No manifesto *Nuestra América*, publicado na Revista Ilustrada de Nova York em janeiro de 1891, o jornalista, poeta e ensaísta José Julian Martí Pérez – então exilado nos Estados Unidos devido à sua participação na campanha pela independência de Cuba – exorta as populações americanas a assumirem sua identidade, desvinculada dos padrões da metrópole.

Em que pátria um homem pode ter mais orgulho do que em nossas repúblicas dolorosas de América, erguidas entre massas mudas de índios, ao ruído da luta entre o livro e o castiçal, sob os braços sangrentos de centenas de apóstolos? De fatores tão desconexos, jamais em tão curto tempo histórico se criaram nações tão adiantadas e compactas. Crê o soberbo que a terra lhe foi feita para servir de pedestal, só porque tem a pena fácil e a palavra de cor, e acusa de incapaz e irremediável a república nativa, porque suas selvas novas não lhe servem para alcançar um mundo de caciques famosos, conduzindo éguas da Pérsia e derramando champanha. A incapacidade não está no país nascente, mas sim nos que querem reger povos originais, de composição singular e violenta, com leis herdadas de quatro séculos de pátria livre nos Estados Unidos, de 19

⁶ A repressão da Metrópole à Conjuração Baiana, de base popular, foi muito maior do que a aplicada contra os líderes da Inconfidência Mineira.



séculos de monarquia na França (...) O bom governante na América não é o que sabe como se governa o alemão ou o francês, mas sim o que sabe quais os elementos que compõem o país e como pode conduzi-lo, parta alcançar, por métodos e instituições do próprio país, o estado ideal em que cada homem se conhece e desfruta de todas as abundâncias que a Natureza oferece aos que constroem e defendem o país com suas vidas. O governo há de nascer do país. O espírito do governo há de ser o do país. A forma de governo há de se ajustar à constituição do país. O governo não é mais do que o equilíbrio dos elementos naturais do país. Por isso o livro importado foi vencido na América pelo homem natural. Os homens naturais venceram a falsa erudição. (MARTI, 1891) ⁷

O texto humanista do poeta cubano, impregnado pelo pensamento rousseauiano, tem como alvo o colonizador europeu. Em outro artigo Martí manifesta certo desencanto com o incipiente *american-way-of-life*, que se ensaia em Nova York em fins do século XIX.

Em meados do século XX, no limiar da Segunda Guerra Mundial, o conceito de pan-americanismo segue a mesma estratégia, mas com cores distintas. Pretende-se realçar a unidade do continente, sob a égide e proteção dos nossos “irmãos do Norte”. Em 1940, um contingente de técnicos, entre os quais muitos professores universitários, é convocado pelo Escritório Coordenador de Negócios Inter-americanos–OCIAA (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs) para esboçar uma orientação política que aproxime os Estados Unidos e os países da América do Sul. Reúnem então o que se poderia chamar de valores comuns às civilizações norte-americana e ibero-americana.

As dificuldades evidentes de encontrar valores e heranças comuns às duas civilizações levaram afinal o Birô a se fixar na idéia do pan-americanismo – uma realidade fundada em ideais comuns de organização republicana, na aceitação da democracia como um ideal, na defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, na crença da solução pacífica das disputas e na adesão aos princípios de soberania nacional – e cuja manifestação concreta seriam os programas de solidariedade hemisférica. (MOURA, 1986, p. 24)⁸

O historiador Gerson Moura observa que a insinuante presença germânica na América do Sul, evidenciada pelo grande número de imigrantes e empresas de origem

⁷ MARTÍ, José. Nuestra América. Extraído de Tres documentos de nuestra América, La Habana, Casa de Las Américas, 1979. Acesso www.patriagrande.net/cuba/josemarti.htm

⁸ O curioso é 40 anos depois, pro ocasião do conflito entre a Argentina e o Reino Unido, na Guerra das Malvinas, os Estados Unidos frustraram a expectativa do governo Galtieri, que esperava uma cooperação ou pelo menos A neutralidade dos EUA com base nos acordos da Organização dos Estados Americanos. Esgotadas as negociações diplomáticas, Washington apoiou a incursão militar britânica que retomou a posse do arquipélago ao sul do continente.



alemã, incomodava o governo dos Estados Unidos, marcado pelos 30 anos da “política do porrete grande” (*big stick*).

Desde a independência das nações latino-americanas no início do século XIX, Tio Sam firmara o pé na idéia de que as potências européias não tinham o direito de intervir ou de tentar recolonizar a América. Isso foi feito por intermédio da ‘Doutrina Monroe’, uma declaração solene de política exterior feita pelo presidente dos Estados Unidos. Embora não tivesse força suficiente para fazer valer essa doutrina naquele momento, Washington afirmava em princípio seu papel protetor em relação ao conjunto das Américas. (MORSE, 1986, p. 15-16)

A partir dos anos 20, a exigência dos governos latino-americanos de respeito ao direito à autodeterminação obrigou os Estados Unidos a substituírem gradativamente a agressiva política do “Big Stick”, desenvolvida pelo presidente Theodore Roosevelt, por demonstrações de boa vizinhança, que teve seu marco na eleição do presidente Franklin Roosevelt, em 1932. A política de boa vizinhança baseava-se no compromisso dos Estados Unidos de abandonar o intervencionismo, respeitar o princípio da igualdade jurídica entre os países do continente e delegar aos organismos internacionais a missão de resolver os conflitos interamericanos.

Surge assim uma nova estratégia política de aproximação, em que os Estados Unidos assumem a posição de missionários preocupados com as carências sociais e econômicas dos povos vizinhos e se lançam em campanhas de solidariedade e ajuda militar, cultural e econômica. O governo de Franklin Roosevelt marca esta mudança política, apoiado numa análise de conjuntura que via as Américas Central e do Sul como parte do projeto de expansão da Alemanha nazista.

A guerra agravara a situação econômica de países sul-americanos, que viram suas exportações se reduzirem em níveis alarmantes. Os êxitos alcançados pelo 3º Reich na Europa e no norte da África afastaram tradicionais compradores e, por outro lado, interromperam o fornecimento de produtos estratégicos para os Estados Unidos. Havia, portanto, a necessidade de Washington suprir esta carência de materiais importando da América do Sul.

1.4 Renasce Tupac Amaru

O movimento nacionalista na América espanhola desencadeia o processo de independência na primeira metade do século XIX, com forte inspiração caudilhesca, amparada nos senhores de terra (*terratenientes*), e não previa a ruptura de laços culturais com a antiga metrópole, nem mudanças nas relações sociais internas. Negros e índios continuariam a ser usados como força de trabalho barata. Para isso, era importante desqualificar suas culturas.

No Peru de 1920 o cientista político José Carlos Mariátegui aprofunda os questionamentos apresentados por José Martí sobre a idolatria à figura do colonizador e, com base em conceitos marxistas, analisa as instituições nacionais, lembrando que



as autoridades de Lima (do quéchua Limac) não ergueram um monumento sequer aos líderes indígenas, embora proliferassem pela cidade bustos de conquistadores.

O nacional, para todos nossos saudosistas, começa na fase colonial. O indígena é em seu sentimento, ainda que não seja na sua tese, o pré-nacional. O conservadorismo não pode conceber nem admitir apenas uma ‘peruanidade’: a formada nos moldes de Espanha e Roma. O sentimento da ‘peruanidade’ tem graves conseqüências para a teoria e a prática do próprio nacionalismo que inspira e engendra. Primeiro limita a quatro séculos a história da pátria peruana. E quatro séculos de tradição parecem muito pouca coisa a qualquer nacionalismo, mesmo o mais modesto e sonhador. Nenhum nacionalismo sólido aparece em nosso tempo como uma elaboração de apenas séculos de história. Para se respaldar numa antigüidade mais respeitável e ilustre, o nacionalismo reacionário recorre invariavelmente ao artifício de anexar não só todo o passado e toda a glória de Espanha, mas também todo o passado e a glória da latinidade. As raízes da nacionalidade resultam ser hispânicas e latinas. O Peru, como essa gente quer fazer representar, não descenderia do inca autóctone; descenderia do império estrangeiro que impôs há quatro séculos sua lei, religião e idioma. (MARIÁTEGUI, 1972, P. 73-74)

Richard Morse observa que, ao associar a questão do índio ao problema da posse da terra, Mariátegui fincou as raízes de um programa político nacional, que enxergava o Peru com uma nação repleta de contradições próprias, em que os preceitos de Marx poderiam servir como matriz de análise, mas nunca como receituário político.

O mérito de Mariátegui foi ter reformulado o pensamento marxista, engajando-o de forma mais conseqüente na cultura política da Indo-América. Ele mostrou por que o liberalismo não havia conseguido renovar atitudes e instituições coloniais, e o uso de termos como ‘demoburguês’ ou ‘demoliberal’ sugere que não fazia nenhuma distinção marcada entre o liberalismo e a democracia ocidental. Com Mariátegui, a Ibero-América teve finalmente uma interpretação revolucionária ‘indo-americanizada’ do processo histórico e da construção nacional. (MORSE, 1988, p. 106)

As relações sociais e os hábitos culturais indígenas – regime da propriedade coletiva, o escambo como regime de comércio, a adoração às forças da natureza e, portanto, a prática do politeísmo – provocavam um estranhamento entre os conquistadores, marcado por traços de etnocentrismo. Ver o outro como a extensão de si mesmo, um efeito espelho do qual nem os jesuítas, cuja catequese incorporava valores da cultura dominada, conseguiram livrar-se. Até hoje, em vários países da América espanhola, chamar alguém de “índio” é ofensa grave, sinônimo de primitivismo. No Peru, “cholo” (espécie de capuz de lã grossa usada pelos índios)



designa também pejorativamente a gente do interior, com ascendência indígena. O economista Alejandro Toledo recebeu esta alcunha durante a campanha presidencial.

Na Argentina, desde o século XIX políticos e intelectuais defendem a aproximação do país com os Estados Unidos e o Império britânico, repudiando suas origens latinas e indígenas. Em 1868, Domingo Faustino Sarmiento, que se tornaria presidente quatro anos depois, assume um compromisso *sui generis*, na ânsia por estimular correntes migratórias que ajudassem a desenvolver o país. “Com emigrantes da Califórnia se formará no Chaco uma colônia norte-americana. Pode ser a origem de um território, e um dia de um estado ianque. Se conservarem seu tipo, cuidarei para que conservem também sua língua”.⁹

Propostas desta natureza revelam admiração pelo espírito empreendedor e a capacidade de mobilização ianque – “o povo norte-americano leva consigo organicamente, como uma espécie de consciência política, certos princípios constitutivos de associação¹⁰” – e, simultaneamente, um preconceito da elite portenha para com as três etnias que forjaram a nação do Rio da Prata. “Da fusão destas três famílias (espanhóis, negros e índios) resultou um todo homogêneo que se distingue por seu amor à ociosidade e incapacidade industrial... Com eles a civilização é de todo irrealizável, a barbárie é normal”, prenunciava Sarmiento.

O sentimento de inferioridade não é privilégio do pensamento conservador latino-americano. O protagonista de *Conversa na catedral*, do escritor peruano Mário Vargas Llosa, pergunta, na primeira página do romance, em que momento a história do Peru teria começado a dar errado? Editoralista de *La Crónica*, diário respeitado de Lima, a interrogação que o personagem Santiago faz a si próprio, enquanto caminha pelas ruas centrais da capital, ilustra a idéia que a elite peruana faz da trajetória do país.

Em que momento o Peru tinha se fodido? Os pequenos jornaleiros circulam entre os carros parados pelo sinal da Avenida Wilson anunciando os jornais da tarde e ele começa a andar, lentamente, em direção à Colmena. As mãos nos bolsos, cabisbaixo, vai escoltado por transeuntes que avançam, também, em direção à Praça San Martín. Zavalita era como o Peru: tinha se fodido num certo momento. Pensa: em qual? Diante do Hotel; Crillon um cachorro vem lambendo os pés: tomara que não seja raivoso, fora daqui. O Peru fodido, pensa, Carlitos fodido, todos fodidos. Pensa: não há solução. (LLOSA, 1978, p. 13)

Com esta concepção derrotista tão bem relatada no romance de Vargas Llosa, é compreensível que a idéia de que a salvação virá de fora do continente predomine entre as elites, econômicas e intelectuais. É importante copiar os modelos importados e aplicá-los ao país para cumprir as etapas do desenvolvimento, como prevê a corrente evolucionista da Sociologia.

⁹ Extraído do livro *Tango, uma possibilidade infinita*, de Hélio Fernandes, Rio de Janeiro, Editora Bom Texto, 2000, pág 37, baseado em *História Argentina*, de José María Rosa.

¹⁰ Domingo Sarmiento, apud Richard Morse, pág 85.



No Brasil, na década de 20, surge o movimento modernista, que constitui em síntese o reconhecimento de que a virtude está na fusão, na mistura entre os traços culturais que compõem a chamada sociedade brasileira. A antropofagia de Oswald de Andrade nada mais é do que a percepção de que o Brasil engoliu literalmente – no caso emblemático do bispo Pero Fernandes Sardinha – e continua comendo, no sentido virtual, a cultura européia. Para o modernismo, tratava-se de deglutir e vomitar esta mesma cultura, com nova roupagem, representada na mistura de raças e culturas.

Cinquenta anos depois, o tropicalismo recriava, sem lenço nem documento, um novo Brasil multifacetado culturalmente, incorporando a guitarra elétrica (tida como alienada) aos versos de protesto à influência norte-americana e aos padrões da sociedade de consumo. “*Soy loco por ti, América, soy loco por ti de amores*”.

O debate ideológico fervilha e põe em lados opostos as duas visões da geopolítica do continente. Um dos maiores expoentes intelectuais egressos da caserna é o general Golbery do Couto e Silva, criador do Serviço Nacional de Informações e chefe da Casa Civil de três governos militares – Castelo Branco, Ernesto Geisel e Figueiredo.

Nas Forças Armadas Golbery representa a corrente que preconiza o engajamento com os Estados Unidos, para se opor à influência socialista. Em 1952, portanto em plena fase nacionalista do segundo Governo Vargas, o coronel Golbery reconhecia o *status* de “potência *circum mare*” e justificava esta aproximação como forma de viabilizar a hegemonia política do Brasil no continente.

Quando entre nossos vizinhos hispano-americanos recrudescer indisfarçável uma oposição aos Estados Unidos da América, que se mascara de Terceira Posição ou que outro rótulo tenha, aproveitando-se exatamente daquela enfocação para além-Atlântico e além-Pacífico dos interesses primaciais dos norte-americanos, o Brasil parece estar em condições superiores, pela sua economia não competitiva, pela sua larga e comprovada tradição de amizade e, sobretudo, pelos trunfos de que dispõe para uma barganha leal – o manganês, as areias monazíticas, a posição estratégica do Nordeste e da embocadura amazônica com seu tampão da Marajó – de negociar uma aliança bilateral mais expressiva, que não só nos assegure os recursos necessários para concorrermos substancialmente na segurança do Atlântico Sul e defendermos, se for o caso, aquelas áreas brasileiras tão expostas a ameaças extracontinentais, contra um ataque envolvente ao território norte-americano via Dacar-Brasil-Antilhas. ¹¹

Otávio Ianni observa que o aumento da participação de camadas médias na vida política do País coincide com o crescimento de ofertas de trabalho no setor

¹¹ Golbery do Couto e Silva, Aspectos Geopolíticos do Brasil, Biblioteca do Exército, 1957, págs 49-50, apud Octavio Ianni, O colosso do populismo no Brasil, p. 126-127.



terciário (serviços, comércio, administração pública, civil e militar), principalmente nos grandes centros urbanos.

Esses grupos sociais tornam-se importantes nas manobras políticas realizadas por determinados setores da classe dominante. Em boa parte, essas são as massas do ademarismo, janismo e lacerdismo. Ambicionam a ascensão social a qualquer preço. O seu universo cultural e mental está impregnado dos valores e padrões da classe dominante, os quais se difundem nos programas de televisão e cinema, nas revistas e jornais. Por isso, vê nas lutas e reivindicações do proletariado um perigo para suas ambições. A massa operária atemoriza a massa da classe média. Em consequência, esta se apega mais facilmente às soluções autoritárias, que alguns setores da classe dominante lhe apresentam. Para amplos segmentos da classe média, o jogo democrático (particularmente a existência e o funcionamento do Congresso Nacional, das Assembléias Estaduais e mesmo das Câmaras Municipais) é encarado em termos dos seus custos financeiros. Ao menos, aceitam essa argumentação. Por isso, também, anseiam por esquemas ditatoriais. (IANNI, 1987, p.117)

Octavio Ianni lembra que as camadas médias revelam-se particularmente sensíveis a apelos de consumo, que se transformam no chamariz para atrair novos adeptos de hábitos de vida exportados pelo *american-way-of-life*.

É exatamente na classe média que o ‘efeito demonstração’ exerceu os seus efeitos mais profundos, enquanto mecanismo compulsivo de consumo. Esse fato pode ser comprovado pelo rápido aparecimento de dezenas de agências de propaganda, o consumo crescente de aparelhos de televisão e a difusão das vendas a crédito. Além disso, cresce a procura de escolas, particularmente as de grau médio. A escolarização, a urbanização e o crescimento do setor terciário são processos interligados, fundamentais para explicar a importância da classe média no processo político brasileiro. (IANNI, 1987, p. 117)

Civis e militares oriundos das camadas médias compõem o mesmo universo, mas Ianni considera simplificação atribuir exclusivamente a esta unidade a participação constante das Forças Armadas na vida política do continente. Para ele, os poderes político e militar, embora independentes, parecem convergir-se em momentos de crise institucional, que tendem a se tornar freqüentes quão mais frágeis forem as instituições democráticas do país. “A militarização da política em geral é uma forma não democrática de exercício do poder. São o ‘artificialismo’ dos partidos políticos profissionais e dos cidadãos que favorecem a transformação das forças militares em partido político”. (IANNI, 1987, p. 120)

Na América Latina, programas como Aliança para o Progresso, Repórter Esso, *Revistas Seleções* e *En Guardia*, seriados americanos de TV, quadrinhos dos super-heróis compõem um mosaico que, independentemente do apoio do governo norte-americano, difundiu uma forma de pensar e agir.



A incorporação de *fast-foods* e enlatados aos hábitos alimentares, que dispensam o cozimento e proporcionam mais tempo livre para a dona-de-casa, a proliferação dos cursos de inglês com sotaque americano – do tipo Instituto Brasil-Estados Unidos –, bolsas de intercâmbio para estudantes – *Youth Understanding* ou *American Field* – o consumo desenfreado de eletrodomésticos (como máquinas de lavar roupa, liquidificador, enceradeira) *made in U.S.A*; todos estes programas e objetos representam ofertas de consumo que, por sua vez, significam *status* dentro da sociedade. Não é de se surpreender, portanto, que logo tenham influenciado os padrões de comportamento e a mentalidade das camadas médias latino-americanas.

A questão está, portanto, em avaliar de que maneira os meios de comunicação contribuíram para formar esta mentalidade impregnada de valores difundidos pelo capitalismo e, mais precisamente, pelo imperialismo como seu desdobramento.

* Jornalista profissional e professor associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese Rádio e formação de mentalidades.



Red de Historia de los Medios

<http://www.rehime.com.ar>

<http://www.youtube.com/rehimeargentina>